

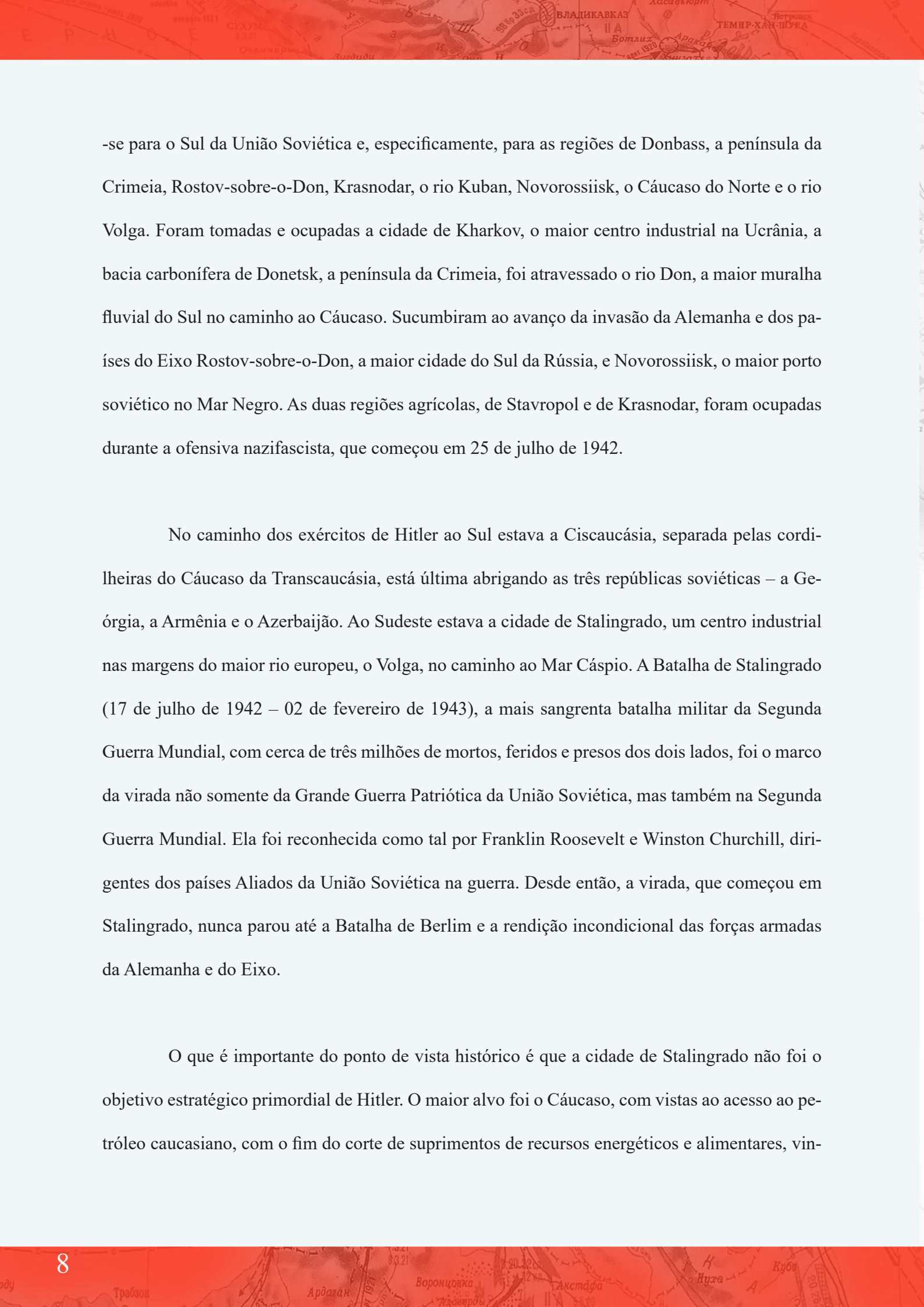


# Editorial

O tema desta edição da revista “Cadernos do Cáucaso” é mais um desafio de pesquisa do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso - a Batalha do Cáucaso na Segunda Guerra Mundial. A finalidade desta publicação é propor um debate historiográfico sobre o tema da história da Segunda Guerra Mundial, discutindo a história e a memória desta batalha, meio desconhecidas, mas intimamente ligadas à Batalha de Stalingrado no front soviético, que mudou o curso da Grande Guerra Patriótica e consequentemente o da Segunda Guerra Mundial. A nossa ênfase é sobre a história militar, a diplomacia do período da Guerra e a repercussão internacional das vitórias nestas batalhas sobre o curso da Guerra, sobre as relações internacionais, tanto nos teatros de guerra europeu e asiático, como no contexto mundial, durante o período crítico de 1942-1943, quando o destino da humanidade poderia ter ido em direção à escravidão racial da “Nova Ordem” (Neuordnung), proclamada pela Alemanha nazista de Hitler.

Em 1941 os alemães, já dominando a Europa, invadiram a União Soviética, ocuparam uma grande parte de seu território europeu, cercaram a segunda maior metrópole soviética de Leningrado e chegaram às redondezas de Moscou, sem conseguir conquistá-la. A guerra relâmpago (blitzkrieg), planejada pela Alemanha nazista pelo plano “Barbarossa”, com que Hitler deflagrou a guerra, fracassou nos portões de Moscou.


Em 1942 a Alemanha mudou de sua estratégia, reorientando o eixo da agressão em direção ao Sul da URSS. Naquele ano os exércitos da Alemanha e de seus aliados direcionaram-

The image features a red-tinted map of the Caucasus region, showing geographical features like rivers and cities. The map is partially visible at the top and bottom of the page. The text is centered on a white background.

-se para o Sul da União Soviética e, especificamente, para as regiões de Donbass, a península da Crimeia, Rostov-sobre-o-Don, Krasnodar, o rio Kuban, Novorossiisk, o Cáucaso do Norte e o rio Volga. Foram tomadas e ocupadas a cidade de Kharkov, o maior centro industrial na Ucrânia, a bacia carbonífera de Donetsk, a península da Crimeia, foi atravessado o rio Don, a maior muralha fluvial do Sul no caminho ao Cáucaso. Sucumbiram ao avanço da invasão da Alemanha e dos países do Eixo Rostov-sobre-o-Don, a maior cidade do Sul da Rússia, e Novorossiisk, o maior porto soviético no Mar Negro. As duas regiões agrícolas, de Stavropol e de Krasnodar, foram ocupadas durante a ofensiva nazifascista, que começou em 25 de julho de 1942.

No caminho dos exércitos de Hitler ao Sul estava a Ciscaucásia, separada pelas cordilheiras do Cáucaso da Transcaucásia, está última abrigando as três repúblicas soviéticas – a Geórgia, a Armênia e o Azerbaijão. Ao Sudeste estava a cidade de Stalingrado, um centro industrial nas margens do maior rio europeu, o Volga, no caminho ao Mar Cáspio. A Batalha de Stalingrado (17 de julho de 1942 – 02 de fevereiro de 1943), a mais sangrenta batalha militar da Segunda Guerra Mundial, com cerca de três milhões de mortos, feridos e presos dos dois lados, foi o marco da virada não somente da Grande Guerra Patriótica da União Soviética, mas também na Segunda Guerra Mundial. Ela foi reconhecida como tal por Franklin Roosevelt e Winston Churchill, dirigentes dos países Aliados da União Soviética na guerra. Desde então, a virada, que começou em Stalingrado, nunca parou até a Batalha de Berlim e a rendição incondicional das forças armadas da Alemanha e do Eixo.


O que é importante do ponto de vista histórico é que a cidade de Stalingrado não foi o objetivo estratégico primordial de Hitler. O maior alvo foi o Cáucaso, com vistas ao acesso ao petróleo caucasiano, com o fim do corte de suprimentos de recursos energéticos e alimentares, vin-



dos do Sul da União Soviética para a região central do país e a sua capital Moscou pelo rio Volga e seus afluentes. Os exércitos alemães, romenos, húngaros e italianos ocuparam vastos territórios da Ciscaucásia, visando atravessar as cordilheiras do Cáucaso e dominar as repúblicas soviéticas da Geórgia, da Armênia e do Azerbaijão, obtendo o acesso ao fornecimento de petróleo, combustíveis e outras reservas naturais. O desígnio estratégico de Hitler, na sua “marcha” ao domínio mundial, não era econômico, mas político. Os planos estratégicos-militares do Eixo, expostos e analisados nesta edição da revista, revelam propósitos da ocupação do Irã e do Iraque, uma conquista posterior do Oriente Médio, ajuntando forças militares do Eixo do Norte da África, do Sul da Europa e da Turquia, caso o país passasse ao lado do Eixo, e a posterior expansão nazifascista até a Índia, a maior colônia britânica da época.

A Batalha do Cáucaso (julho de 1942 - novembro de 1943), meio esquecida dentre as batalhas sangrentas da Grande Guerra Patriótica, serviu de baluarte da defesa da União Soviética contra a “grande ofensiva” da Alemanha de Hitler sobre o Sul da União Soviética, ao Cáucaso, a Stalingrado e ao rio Volga.

Com relação a este tema principal, os artigos abrangem tanto assuntos estratégico-militares da guerra, quanto o contexto da batalha diplomática, que se travava em Moscou, Londres, Washington, Ancara, Teerão, a fim de conseguir estabelecer alianças (com a Turquia e o Irã) ou não deixar estabelecer alianças (entre a Alemanha e a Turquia) ou, no mínimo, conseguir a neutralidade da Turquia. Os assuntos tratados incluem as lutas entre serviços de inteligência, espionagem e contraespionagem. Mas muito mais dependia dos desfechos das Batalhas de Stalingrado e do Cáucaso.




A edição da Revista começa com um ensaio do Coronel Vladimir Bednov, Vice-Presidente da União Internacional de Organizações Públicas “Comitê de Veteranos de Guerras” da Federação da Rússia, sobre a Batalha de Stalingrado. Sendo o ponto culminante da Segunda Guerra Mundial, a batalha serve de prólogo para a discussão historiográfica sobre o tema proposto.

Achamos indispensável inserir um elemento de memória emocional, referente à história da Batalha de Stalingrado, memorizada na obra poética brasileira, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, “Carta a Stalingrado”, escrita em 1943.

O artigo de Jorge Luiz Pereira Ferrer tem por objetivo discorrer sobre a Operação Fall Blau, desencadeada pelas forças armadas dos países do Eixo contra a União Soviética em 1942, e analisar seu impacto sobre as Batalhas de Stalingrado e do Cáucaso em 1942-1943. Após o fracasso da blitzkrieg em 1941, a Alemanha de Hitler apostou numa “grande ofensiva” do seu Grupo de Exércitos do Sul em 1942, atacando a região de Donbass, a Crimeia, Rostov-sobre-o-Don, Krasnodar, Novorossiisk e as zonas ricas em petróleo no Cáucaso do Norte, visando derrotar os Exércitos soviéticos do Sul e destruir a base industrial em Stalingrado. A Operação Fall Blau, descaracterizada do seu plano original pelas interferências de Hitler, resultou na divisão dos Exércitos do Eixo em dois grupos, visando a Cidade de Stalingrado como alvo principal da ofensiva. Stalingrado enfrentou uma batalha mais sangrenta da Segunda Guerra Mundial, que amarrou as forças armadas do Eixo, enquanto o avanço alemão sobre o petróleo caucasiano, necessário para o esforço de guerra alemão, deparou-se com a resistência e as contraofensivas dos Exércitos soviéticos do Cáucaso.


Fernando Velôzo Gomes Pedrosa, ao abordar, no seu artigo, a Batalha de Stalingrado (de setembro de 1942 a fevereiro de 1943), através da ótica da história militar, descreve sumariamente



o planejamento e a execução da operação Fall Blau, dirigida pelas forças do Eixo contra Stalingrado e o Cáucaso, em que destaca as interferências de Hitler sobre a condução operacional e tática da “grande ofensiva” das forças armadas do Eixo da região Sul da União Soviética em 1942. O artigo toca na falta de capacidade de Hitler de ser comandante supremo, enfatiza suas limitações em relação ao planejamento, à condução de grandes escalões militares, apontando para a centralização do comando em sua pessoa. O artigo conclui que as decisões estratégicas erradas de Hitler colocaram as forças armadas do Eixo em situação catastrófica na Batalha de Stalingrado em 1942 – início de 1943.

Pablo Guimarães Bandeira da Silveira e Alexander Zhebit examinam a relação estratégico-militar entre a Batalha de Stalingrado, considerada determinante para o início da derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, e a Batalha do Cáucaso. Conclui-se que, em comparação com a Batalha de Stalingrado, que simbolizou uma virada decisiva na guerra, a Batalha do Cáucaso, menos assinalada entre as vitórias soviéticas sobre forças armadas do Eixo, não serviu só como um front auxiliar para a vitória em Stalingrado, mas se destacou como um baluarte de resistência e de contraofensivas soviéticas, no caminho do avanço dos exércitos do Eixo à conquista do Cáucaso.

João Victor Viana Santos e Alexander Zhebit discorrem sobre a importância estratégica do Irã, no contexto do Lend-Lease, que levou à escolha do Irã, o “corredor persa”, como uma das rotas de fornecimento de materiais de guerra e de provisões para a União Soviética, na sequência da Operação Countenance, em agosto de 1941. O artigo conclui que o Lend-Lease era um fator complementar importante para as vitórias soviéticas no Front Oriental, principalmente em Stalingrado e na região do Cáucaso.




Alexander Zhebit aborda no seu artigo uma das facetas ocultas no desenrolar da Batalha do Cáucaso (1942-1943) - o combate dos serviços de inteligência, espionagem e de contraespionagem alemães e soviéticos durante os anos trágicos da Segunda Guerra Mundial. O artigo discorre sobre estas atividades durante a ofensiva alemã contra o Sul da União Soviética, o Cáucaso do Norte e Stalingrado. Conclui-se que o grande valor desta luta invisível, vencida pela União Soviética e os Aliados, consiste na sua contribuição significativa para a vitória sobre o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Lorran Ícaro Moreira de Lima e Elitza Lubenova Bachvarova analisam o panorama histórico, à luz da documentação diplomática, que revela os interesses dos Aliados e do Eixo com relação à Turquia. Eles assinalam pressões político-diplomáticas alemãs, soviéticas e britânicas a que a Turquia, um país neutro durante a guerra, ficou submetida entre 1941 e 1943, para que entrasse na Segunda Guerra Mundial. O artigo discorre sobre a importância da Batalha do Cáucaso na definição do alinhamento pró-Aliados na política externa da Turquia na Segunda Guerra Mundial.

Marllon Motta da Rocha, Elitza Lubenova Bachvarova e Alexander Zhebit discorrem sobre a tragédia da deportação forçada da população vainakh da República Autônoma Socialista Soviética da Chechênia-Inguchétia ao exílio em 1944. O artigo investiga o contexto histórico destes povos, com referência à Guerra do Cáucaso (1817-1864), e descreve o cenário pré-deportação e possíveis motivações à “Operação Lentilha” (1944).

Lucca Simonetti Munhoz e Rodrigo Daniel Paiva Monteiro de Carvalho analisam um tema contemporâneo das relações bilaterais entre o Brasil e a Armênia no período do pós-Guerra Fria. As relações são avaliadas a partir de seu desenvolvimento histórico, do intercâmbio co-



mercantil bilateral, do posicionamento brasileiro quanto aos conflitos que envolvem a Armênia e seus vizinhos, e da influência política exercida pela comunidade da diáspora armênia no Brasil. Conclui-se que, apesar dos avanços observados nos últimos anos, o estado atual da cooperação está aquém do seu potencial e que os esforços diplomáticos empreendidos pela Armênia não vêm sendo correspondidos no mesmo grau pelo Brasil.

Convidamos leitores interessados em história da Segunda Guerra Mundial e dos países do Cáucaso, a percorrer as páginas desta edição da revista, dedicada aos 75 anos da Vitória sobre o fascismo e o nazismo na Segunda Guerra Mundial.

Rio de Janeiro, outubro de 2019  
Alexander Zhebit, Editor